
EDUCAÇÃO FÍSICA

ISABELLA SIMPLICIO VIEIRA

**Análise dos Relatórios PenSE (2015-2019):
tempo de tela, participação em aulas de
Educação Física e saúde mental**



Rio Claro - SP
2024

ISABELLA SIMPLICIO VIEIRA

Análise dos Relatórios PeNSE (2015-2019): tempo de tela, participação em aulas de Educação Física e saúde mental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador(a): Prof. Dr. Roberto Tadeu laochite

Rio Claro - SP
2024

V658a Vieira, Isabella Simplicio

 Análise dos relatórios pense (2015-2019): tempo de tela,
participação em aulas de educação física e saúde mental /
Isabella Simplicio Vieira. -- Rio Claro, 2024
29 p. : tabs.

 Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Biociências, Rio Claro

 Orientador: Roberto Tadeu Iaochite

 1. Análise documental. 2. Educação física. 3. Saúde. 4.
Saúde mental. I. Título.

ISABELLA SIMPLICIO VIEIRA

**Análise dos Relatórios PenSE (2015-2019): tempo de tela,
participação em aulas de Educação Física e saúde mental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", para obtenção do grau de Licenciada em
Educação Física.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochite

Prof. Dr. Roraima Alves da Costa Filho

Prof. Dr. Samuel de Souza Neto

Aprovado em: 06/12/2024.

Documento assinado digitalmente
 **ISABELLA SIMPLICIO VIEIRA**
Data: 27/09/2024 15:42:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do discente

 **Assinado de forma
digital por Roberto
Tadeu**
Iaochite:12356217827
Dados: 2024.09.27
15:02:17 -03'00'

Assinatura do(a) orientador(a)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os resultados dos dois últimos relatórios da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar - PeNSE (2015 e 2019) em relação aos seguintes indicadores: a) tempo de tela, b) participação em aulas de Educação Física e c) Saúde Mental, considerando analisar diferenças em relação aos níveis de ensino (Fundamental – Anos finais e Ensino Médio), gênero e região federativa, com foco especial no estado de São Paulo. Trata-se de uma análise documental e a revisão literária das seguintes variáveis: a) tempo de tela; b) participação em aulas de Educação Física e c) saúde mental, utilizando o PeNSE e a literatura bibliográfica atual das variáveis para comparação de dados. Os resultados mostram que o uso de tempo de tela dos escolares estão cada vez mais alto, fazendo com que haja uma intervenção quanto ao uso de telas enquanto os escolares estão no ensino infantil e ensino fundamental I, pois quando esses alunos chegam no ensino fundamental II e ensino médio é notório o aumento no tempo de tela desses alunos, segundo os dados do PeNSE (2015-2019). O desinteresse pelas aulas de educação física tem tido maior ênfase no Ensino Médio, pois esta é a fase em que o fenômeno se apresenta de forma mais consistente, sendo assim, preciso reforçar a necessidade de fortalecer o papel da educação física no ambiente escolar, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a práticas que promovam a saúde desses alunos. A saúde mental vem, desde 2015, tendo um grande aumento na prevalência dos indicadores de solidão, poucos amigos e perda de sono, mostrando como cada vez mais a saúde mental vem necessitando a criação de políticas públicas e a necessidade de criação de programas e ações de saúde mental para os escolares. Espera-se que o presente estudo promova o conhecimento entre professores de Educação Física, na escola e para as famílias, de forma a indicar como essas variáveis analisadas no estudo podem ajudar a refletirem sobre urgente melhoria da saúde dos escolares.

Palavras-chave: saúde do escolar; tempo de tela; participação nas aulas de educação física; saúde mental.

ABSTRACT

This study aims to analyze the results of the last two reports from the National School Health Survey - PeNSE (2015 and 2019) regarding the following indicators: a) screen time, b) participation in Physical Education classes, and c) Mental Health, considering differences in relation to education levels (Final Years of Elementary School and High School), gender, and federative regions, with a special focus on the state of São Paulo. It involves a documentary analysis and a literature review of the following variables: a) screen time; b) participation in Physical Education classes; and c) mental health, using PeNSE data and current literature on these variables for data comparison. The results show that students' screen time is increasingly high, highlighting the need for intervention on screen use while students are in early childhood education and the first years of elementary school. According to PeNSE data (2015-2019), by the time these students reach the final years of elementary school and high school, there is a noticeable increase in screen time. Disinterest in physical education classes is more pronounced in high school, as this is the phase in which the phenomenon is more consistently observed. Therefore, it is necessary to reinforce the importance of physical education in the school environment, ensuring that all students have access to practices that promote their health. Mental health indicators, such as loneliness, having few friends, and loss of sleep, have seen a significant increase since 2015, demonstrating the growing need for public policies and the creation of mental health programs and actions for students. It is expected that this study will promote awareness among Physical Education teachers, schools, and families, indicating how the variables analyzed in the study can help reflect on the urgent need to improve students' health.

Keywords: student's health; screen time; participation in physical education classes; mental health.

Title in english: Analysis of PeNSE Reports (2015-2019): screen time, participation in Physical Education classes, and mental health.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 Procedimentos Metodológicos	9
3 Desenvolvimento.....	10
3.1. Tempo de tela.....	14
3.2. Participação em aulas de Educação Física.....	16
3.3. Saúde Mental	20
3.4. Outros fatores.....	23
4 Considerações Finais	24
REFERÊNCIAS.....	26

1 Introdução

Com início em 2009, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE, fruto de parceria com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação, tem sido uma ferramenta fundamental para compreender os fatores de risco e proteção dos adolescentes de 13 a 17 anos (IBGE, 2022). Essa pesquisa oferece uma visão abrangente das características básicas dessa população, incluindo aspectos socioeconômicos e de saúde, como saúde mental e comportamentos de risco relacionados a hábitos alimentares e sedentarismo. Além disso, contempla características do ambiente escolar, como infraestrutura e políticas de assistência à saúde (IBGE, 2022). A definição e a importância da atividade física são ressaltadas pela Organização Mundial da Saúde (2015), e a PeNSE utiliza indicadores específicos para avaliar os níveis de atividade física dos jovens. No entanto, apesar da Educação Física ser obrigatória nas escolas brasileiras, sua eficácia na promoção de hábitos saudáveis tem sido questionada, dada a baixa participação dos alunos (Brasil, 1996). Diante desse cenário, surge a reflexão sobre o papel desse espaço no ambiente escolar e sua contribuição para a promoção da saúde e do bem-estar dos estudantes.

A Educação Física, quando bem direcionada, pode ser fundamental nesse processo, não apenas desenvolvendo habilidades físicas, emocionais e motoras, mas também promovendo hábitos saudáveis e prevenindo doenças crônicas (Martin, Portela, 2009). A avaliação regular dos níveis de aptidão física e a adaptação das práticas educativas às necessidades da comunidade escolar são aspectos cruciais nesse contexto (Vilarta, 2008). Assim, a disciplina de Educação Física tem o potencial de ser um importante instrumento na promoção da saúde e no desenvolvimento integral dos estudantes (Sbarani, Silva, Triani, 2011).

A abordagem da Educação Física como promotora de hábitos saudáveis deve considerar não apenas a prática de atividades físicas, mas também a conscientização dos alunos sobre a importância de um estilo de vida ativo e equilibrado. Nesse sentido, os professores desempenham um papel fundamental, não apenas como facilitadores do aprendizado de habilidades motoras, mas como agentes de transformação na vida dos estudantes. Por meio de estratégias pedagógicas inovadoras e contextualizadas, é possível engajar os alunos na adoção

de comportamentos saudáveis, como a prática regular de exercícios físicos e uma alimentação equilibrada.

Além disso, a Educação Física pode ser um espaço privilegiado para a promoção da inclusão e da diversidade, permitindo que todos os alunos, independentemente de suas habilidades físicas ou condições socioeconômicas, participem plenamente das atividades propostas. Através de adaptações e diferenciações pedagógicas, é possível criar um ambiente acolhedor e estimulante, onde cada estudante se sinta valorizado e capaz de alcançar seu máximo potencial.

Outro aspecto relevante é o papel da Educação Física na prevenção de comportamentos de risco, como o consumo de substâncias nocivas e a prática de atividades de risco. Ao oferecer alternativas saudáveis e prazerosas para o uso do tempo livre, a disciplina pode contribuir significativamente para a redução desses comportamentos prejudiciais à saúde dos jovens.

Portanto, a Educação Física não deve ser vista apenas como uma disciplina complementar no currículo escolar, mas sim como uma ferramenta para a promoção da saúde e do bem-estar dos estudantes. Investir na formação continuada dos professores, na melhoria da infraestrutura escolar e na integração com outras áreas do conhecimento pode potencializar o impacto positivo dessa disciplina na vida dos alunos e na sociedade como um todo.

Tendo como objetivo analisar os resultados dos dois últimos relatórios da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar - PeNSE (2015 e 2019) em relação ao tempo de tela, atividade física/participação em aulas de Educação Física e a saúde mental, considerando analisar diferenças em relação aos níveis de ensino (Fundamental – Anos finais e Ensino Médio), gênero e região federativa, com foco especial no estado de São Paulo.

As variáveis escolhidas para análise são de extrema importância para a saúde do escolar, essas variáveis foram selecionadas por serem temas atuais, relevantes e importantes para se tratar e investigar. O tempo de tela vem trazendo uma crescente valorização de hábitos sedentários e consequentemente gerando um aumento no tempo de tela dos alunos, como o uso de videogames, smartphones e outros dispositivos eletrônicos, o que tem contribuído para a diminuição da participação dos jovens em atividades físicas. A participação em aulas de Educação Física é outro tópico a ser analisado, a cada ano que passa é possível observar que os alunos estão participando menos das aulas de educação física, principalmente as

meninas, o que pode ter ligação com a variável anterior, que é o aumento do tempo de tela dos alunos. E por fim, a saúde mental não pode deixar de ser analisada, atualmente há dados de alunos de todas as idades que estão com a saúde mental fragilizada, seja ela por problemas pessoais, solidão, insônia, baixa autoestima, ansiedade e etc.

Em síntese, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE, ao fornecer dados valiosos sobre os hábitos e condições de saúde dos adolescentes brasileiros, destaca a importância de se repensar o papel da Educação Física no contexto escolar. Diante dos desafios enfrentados pela juventude, como o sedentarismo, o uso excessivo de telas e o aumento dos comportamentos de risco, é crucial que essa disciplina seja reconhecida e valorizada como um espaço privilegiado para a promoção da saúde e do desenvolvimento integral dos estudantes.

Ao considerar a Educação Física como um componente essencial do currículo escolar, é possível explorar todo o seu potencial na formação de cidadãos mais saudáveis, conscientes e ativos. Nesse contexto, é fundamental investir em políticas e práticas educativas que incentivem a participação dos alunos, promovam a inclusão e a diversidade, e estimulem a adoção de hábitos saudáveis desde a infância até a adolescência.

A presente análise espera contribuir para o papel da Educação Física como um componente na escola que promove a saúde e o bem-estar entre os jovens, pois os conhecimentos veiculados proporcionam benefícios à saúde, desenvolvendo conhecimentos e competências, emocionais e motoras, e fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e promoção da qualidade de vida.

O objetivo deste estudo é analisar os resultados dos dois últimos relatórios da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar - PeNSE (2015 e 2019) em relação aos seguintes indicadores: a) tempo de tela, b) participação em aulas de Educação Física e c) Saúde Mental, considerando analisar diferenças em relação aos níveis de ensino (Fundamental – Anos finais e Ensino Médio), gênero e região federativa, com foco especial no estado de São Paulo.

2 Procedimentos Metodológicos:

Este estudo traz como metodologia a análise documental, a qual se caracteriza pela pesquisa “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 45).

A pesquisa documental é fonte rica e estável de dados, subsistência ao longo do tempo, baixo custo, não exigência de contato com os sujeitos da pesquisa. Dentre as limitações deste tipo de pesquisa encontram-se a não-representatividade e subjetividade dos documentos. (Chechin et al., 2016).

A análise documental é também conforme expressa Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Para a realização desse estudo serão analisados os seguintes documentos:

- Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar – Pense 2015

- Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar – Pense 2019

- Revisão literária de artigos relacionados às 3 variáveis a serem analisadas no estudo.

Para a Revisão literária serão buscados artigos sobre:

- a) tempo de tela

- b) participação em aulas de Educação Física

- c) saúde mental

Artigos entre 2019 e 2023, tendo em vista que os documentos da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar são de 2019, então o objetivo é ver a mudança das variáveis a partir desta data. Utilizando meios de pesquisas seguros, como por exemplo: a biblioteca digital Scielo e a Biblioteca Virtual da Saúde. Os critérios utilizados na busca foram artigos cujos participantes tinham entre 13 a 17 anos, artigos que tivessem relação/ligação com a educação física e, preferencialmente, na língua portuguesa.

A análise da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar - PeNSE foi feita de maneira com que os temas de relevância para a atualidade e para a Educação Física fossem variáveis escolhidas para análise e comparação neste trabalho.

3 Desenvolvimento

A Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar - PeNSE foi o primeiro inquérito nacional que perguntou diretamente aos escolares diversos aspectos de sua vida, hábitos e cuidados, que se convertem em fatores de risco e proteção para sua saúde (INCHLEY; CURRIE; BUDISAVLJEVIC, 2020). A PeNSE fornece informações para o Sistema de Vigilância de Fatores de Risco de Doenças Crônicas não Transmissíveis, do Ministério da Saúde, com dados atualizados sobre a distribuição desses fatores no público-alvo. A primeira amostra, tradicional da PeNSE, permite a comparação temporal entre os Municípios das Capitais e o Distrito Federal nas três edições da pesquisa.

Dentro da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, há diversos dados coletados dos alunos, abrangendo um total de 272.520 estudantes entrevistados em 4.670 escolas do Brasil inteiro.

Nesta presente análise documental, as variáveis escolhidas para análise e comparação de dados foram a) tempo de tela, b) participação em aulas de Educação Física, c) saúde mental. Além do PeNSE, foram escolhidos diversos artigos para comparação de dados com os anos atuais.

	Ensino Fundamental II	Ensino Médio	Masculino	Feminino	Estado de São Paulo
Tempo de Tela	59,8%	Não Especificado	58,01%	60,04%	Não Especificado
Participação em aulas de Educação Física	94,05%	Não Especificado	49,4%	47,5%	53,08%
Saúde Mental	10,47%	10,33%	7,33%	13,75%	Não Especificado

Tabela 1 - Prevalência do Tempo de Tela, Participação em aulas de Educação Física e Saúde Mental. PeNSE, 2015.

	Ensino Fundamental II	Ensino Médio	Masculino	Feminino	Estado de São Paulo
Tempo de Tela	36,00%	36,00%	Não Especificado	Não Especificado	62,25%
Participação em aulas de Educação Física	42,00%	46,04%	Não Especificado	Não Especificado	98,07%
Saúde Mental	16,9%	19,01%	8,00%	27,00%	Não Especificado

Tabela 2 - Prevalência do Tempo de Tela, Participação em aulas de Educação Física e Saúde Mental. PeNSE, 2019.

Na Tabela 1 e na Tabela 2 há os dados indicadores dos resultados das variáveis escolhidas para análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015 e 2019, respectivamente. A pesquisa de 2015 busca investigar através do indicador: “Escolares que costumam assistir, semanalmente, mais de duas horas de televisão” sobre o Tempo de tela dos alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, especificando as diferenças entre os escolares femininos e masculinos.

O indicador “Escolares com dois dias ou mais de aulas de educação física, nos últimos sete dias, anteriores à data da pesquisa” informam os dados sobre a participação nas aulas de educação física e diferença entre os escolares femininos e masculinos e especifica a diferença da capital de São Paulo com as demais capitais.

E o indicador da saúde mental é a média de três indicadores selecionados para análise dos dados, sendo eles: Sentimento de solidão na maioria das vezes ou sempre nos 12 meses anteriores à pesquisa, Perda de sono na maioria das vezes ou sempre nos 12 meses anteriores à pesquisa e a Inexistência de amigos próximos, com dados dos escolares, femininos, masculinos, alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

A pesquisa de 2019 busca investigar sobre tempo de tela dos alunos do ensino fundamental II e ensino médio através do indicador “Os escolares brasileiros

de 13 a 17 anos assistiram mais de duas horas de televisão nos sete dias anteriores à pesquisa e o indicador “tempo de tela sedentário” para o estado de São Paulo.

A participação em aulas de educação física visou avaliar os alunos do ensino fundamental II e ensino médio por meio do indicador “Percentual de escolares de 13 a 17 anos segundo número de aulas de educação física que tiveram nos sete dias anteriores à pesquisa, com indicação do intervalo de confiança de 9, por grupos de idade e Grandes Regiões - 2019” e a região de São Paulo através do indicador “Percentual de escolares do ensino fundamental em escolas que informaram participar de jogos ou competições físico-esportivas por modalidade e dependência administrativa da escola.”

E para a avaliação da saúde mental dos escolares, foi realizado a média de 3 indicadores do PeNSE, são eles: “Percentual de escolares de 13 a 17 anos sem amigos próximos, com indicação do intervalo de confiança de 9, segundo o sexo, os grupos de idade e a dependência administrativa da escola - Brasil - 2019”, “Percentual de escolares de 1 a 17 anos que se sentiram muito preocupados, na maioria das vezes ou sempre, nos dias anteriores à pesquisa, com indicação do intervalo de confiança de 9, segundo o sexo, os grupos de idade e a dependência administrativa da escola - Brasil - 2019” e “Percentual de escolares de 13 a 17 anos cuja autoavaliação em saúde mental foi negativa, nos dias anteriores à pesquisa, com indicação do intervalo de confiança de 9, segundo o sexo, os grupos de idade e a dependência administrativa da escola - Brasil - 2019”.

A comparação entre as tabelas 1 e 2 evidencia diferenças nas três principais variáveis: Tempo de Tela, Participação em Aulas de Educação Física e Saúde Mental dos estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, estratificadas por sexo e pelo Estado de São Paulo.

De 2015 para 2019, há uma redução significativa no tempo de tela para o Ensino Fundamental II, de 59,8% para 36%, e o mesmo percentual para o Ensino Médio (36%). Por outro lado, o Estado de São Paulo apresentou um aumento considerável, com 62,25% dos estudantes relatando tempo elevado de tela em 2019. Porém, é necessário levar em consideração que houve redução no tempo de tela assistindo TV, que é o indicador usado pelo PeNSE, mas nos últimos anos houve um aumento consideravelmente significativo no tempo de tela dos escolares, sendo eles através de smartphones, tablets e videogames.

Houve uma redução na participação em aulas de educação física entre estudantes do Ensino Fundamental II, de 94,05% em 2015 para 42% em 2019. Essa mudança é muito significativa, tendo em vista que a cada ano que passa os alunos vão deixando cada vez mais de participarem das aulas de Educação Física. No Estado de São Paulo, o aumento foi expressivo, de 53,08% para 98,07%. Porém é necessário levar em consideração que os indicadores de 2015 e 2019 para o estado de São Paulo foram diferentes. Em 2015 foi verificado a participação em aulas e em 2019 a participação em jogos esportivos na escola.

Os indicadores de saúde mental pioraram em 2019, especialmente para estudantes do Ensino Médio, cuja taxa subiu de 10,33% para 19,01%. Entre as meninas, o aumento foi mais expressivo, saltando de 13,75% para 27%. No Ensino Fundamental II, também houve aumento de 10,47% para 16,9%. Essas mudanças na saúde mental tendem a estarem cada vez aumentando mais. Esse é um dos motivos que é tão importante tratar sobre saúde mental com os escolares.

Essa comparação evidencia mudanças preocupantes em relação às variáveis analisadas e gera implicações que podem requerer políticas educacionais e de saúde pública voltadas para a promoção da saúde e bem-estar dos estudantes.

3.1. Tempo de tela

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 mostram que cerca de 60% dos estudantes do 9º ano assistiram mais de duas horas de televisão por dia, um hábito mais comum entre as meninas e estudantes de escolas públicas. Em 2019, a PeNSE revelou que 36% dos escolares brasileiros assistiram mais de duas horas de televisão nos sete dias anteriores à pesquisa, enquanto mais de 50% relataram passar mais de três horas diárias realizando atividades sedentárias, como o uso de computadores e celulares. Esses dados evidenciam a influência das mudanças sociais e culturais na redução do envolvimento dos jovens em atividades físicas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda a limitação do tempo de tela sedentário devido ao impacto negativo na saúde, associando-o a um baixo gasto de energia e à adoção de posturas prejudiciais. A tendência de substituição da televisão por outras telas e a permanência prolongada em atividades sedentárias representam desafios para a promoção de um estilo de vida mais ativo entre os jovens, especialmente considerando as diferenças regionais e de gênero observadas nas pesquisas.

O aumento do tempo de tela entre crianças e adolescentes tem sido um tema de crescente preocupação, como evidenciado em diversos estudos, incluindo "Os efeitos do tempo de tela em crianças e adolescentes: um levantamento bibliográfico". As mudanças sociais e culturais, como a popularização dos videogames, computadores e dispositivos móveis, têm contribuído significativamente para a redução da participação dos jovens em atividades físicas. Essa tendência de sedentarismo é refletida nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), que apontam para um elevado percentual de jovens passando mais de duas horas por dia em frente a uma tela, seja assistindo televisão ou usando outros dispositivos.

O levantamento bibliográfico reforça os impactos negativos desse comportamento, destacando a associação entre o tempo excessivo de tela e diversos problemas de saúde física e mental, como obesidade, distúrbios do sono, e problemas de atenção e comportamento. Além disso, a substituição de atividades ao ar livre e socialização presencial por interações digitais contribui para o isolamento social e a diminuição do bem-estar geral (Carvalho, Grando, Britto, 2021). Nas

últimas décadas, o estilo de vida de crianças e adolescentes tem passado por fortes mudanças. O tempo livre antes usado fora de casa com brincadeiras, correrias, passeios e interação social perdeu lugar para atividades solitárias como TVs, jogos online, videogames, redes sociais etc. As consequências dessa mudança com o fim do livre brincar vêm acarretando problemas de saúde nessa parcela da população (Carvalho et al., 2021).

Atualmente, a realidade é que o uso e tempo de tela dos escolares estão cada vez mais alto, fazendo com que se torne importante uma intervenção dos responsáveis diante da construção de exemplo quanto ao uso de telas, visando promover uma rotina mais dinâmica e saudável, que vai além de favorecer o bem-estar físico da criança, como também estabelecendo a possibilidade de usufruir da tecnologia sem fugir das diretrizes de recomendação (Barreto, Azevedo, Alencar, Lima, 2023), é de grande importância que haja essa intervenção enquanto os escolares estão no ensino infantil e ensino fundamental I, pois quando esses alunos chegam no ensino fundamental II e ensino médio é notório o aumento no tempo de tela nesses alunos, o que foi possível analisar nos dados do PeNSE (2015-2019).

A OMS também alerta para o impacto prejudicial do tempo de tela sedentário, recomendando a limitação dessas atividades durante o lazer. A prática prolongada de atividades sedentárias, como o uso de dispositivos eletrônicos, não apenas compromete o desenvolvimento físico dos jovens, mas também perpetua hábitos que podem levar a problemas de saúde crônicos no futuro. Portanto, os dados e pesquisas convergem para a necessidade urgente de promover a redução do tempo de tela e o incentivo à prática de atividades físicas entre crianças e adolescentes, visando melhorar tanto a saúde física quanto o bem-estar psicológico dessa população.

A mídia e as redes sociais sobre a saúde dos adolescentes também é um dos pontos destacados, como por exemplo o uso excessivo de telas e redes sociais. Em 2019, cerca de 62,8% dos adolescentes relataram passar mais de três horas diárias em atividades de lazer diante de telas, como televisão, celulares e computadores. Esse padrão de comportamento está associado a um estilo de vida mais sedentário, que pode ter implicações negativas na saúde mental e física dos jovens (PeNSE, 2019).

3.2. Participação em aulas de Educação Física

A escola desempenha um papel crucial no processo de mudança de hábitos dos alunos, visando aumentar a proporção de estudantes fisicamente ativos e estimular aqueles que são inativos a se tornarem mais ativos (SILVA et al., 2018a). A prática de atividade física no ambiente escolar, durante as aulas de Educação Física, juntamente com a infraestrutura disponível, são elementos-chave para a promoção de um estilo de vida ativo entre adolescentes.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019 indicam que, em São Paulo, 41,6% dos estudantes tiveram um dia de aula de educação física e 37,1% tiveram dois ou mais dias na semana anterior à pesquisa. No entanto, 21,0% dos alunos de 13 a 17 anos não tiveram aula de educação física nesse período, o que revela a necessidade de maior atenção para melhorar essa situação no estado.

A infraestrutura das escolas paulistas, como a disponibilidade de quadras esportivas, materiais adequados e vestiários, também influencia a prática de atividade física. Apenas 23,2% dos alunos de escolas públicas frequentavam instituições com essa infraestrutura em condições de uso, comparado a 63,6% dos estudantes de escolas privadas. A adequação desses espaços é fundamental para promover comportamentos fisicamente ativos entre os estudantes (Silva, 2019; Silva et al., 2018a).

Apesar de a educação física ser um componente curricular obrigatório, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), estudos mostram uma baixa participação ativa dos alunos nessas aulas e um aumento na ocorrência de estudantes que não as frequentam regularmente (Hallal et al., 2010; Kremer; Reichert; Hallah, 2012).

Em São Paulo, há uma necessidade crescente de investir na regularidade e na qualidade das aulas de educação física, principalmente nas escolas públicas. As políticas mundiais de promoção da atividade física defendem que a educação física de qualidade é essencial para que crianças e adolescentes desenvolvam padrões de comportamento que os mantenham ativos ao longo da vida (World Health Organization, 2013).

Na revisão sistemática: Participação de Adolescentes Brasileiros nas Aulas de Educação Física Escolar, mostra que a educação física escolar tem um papel fundamental na promoção da saúde e na formação de hábitos de vida saudáveis entre os adolescentes. Os resultados indicam que, de forma geral, há uma diminuição significativa da participação dos adolescentes nas aulas de educação física conforme a progressão escolar, especialmente entre as meninas. Os principais fatores que influenciam essa queda incluem a falta de interesse pelas atividades propostas, percepção negativa da educação física, questões de autoestima e imagem corporal, além da falta de incentivo por parte dos pais e da escola (Araújo, Tassitano, Dias, Tenório, 2019).

A infraestrutura inadequada e a falta de materiais também foram apontados como fatores que prejudicam a participação dos alunos nas aulas de Educação Física (Araújo, Tassitano, Dias, Tenório, 2019). É necessário saber que apesar do reconhecimento da importância das aulas de educação física, ainda há desafios significativos para garantir uma maior adesão e participação dos adolescentes. É preciso que as escolas e os professores repensem as metodologias e os conteúdos das aulas, tornando-as mais chamativas e inclusivas para todos os alunos, além de promover a conscientização sobre os benefícios da prática regular de atividades físicas.

A pesquisa: Promoção da Saúde na Escola Através das Aulas de Educação Física mostra que a promoção da saúde na escola é uma estratégia fundamental para a formação de hábitos saudáveis e a prevenção de doenças entre os jovens. Ela explora o papel das aulas de educação física escolar como um meio eficaz para promover a saúde e o bem-estar dos alunos.

A revisão analisa a literatura existente sobre como as atividades realizadas nas aulas de educação física contribuem para o desenvolvimento físico, mental e social dos estudantes e mostram que as aulas de educação física desempenham um papel crucial na promoção da saúde, contribuindo para a melhoria da aptidão física, a redução do sedentarismo e a promoção de hábitos alimentares saudáveis.

Além disso, as atividades físicas em ambiente escolar têm impactos positivos na saúde mental dos alunos, incluindo a redução do estresse e a melhoria da autoestima. A interação social durante as aulas também favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e de trabalho em equipe (Orfei, Tavares, 2009).

A Educação Física pode desempenhar importante papel enquanto disciplina da Grade Curricular, na promoção da saúde, pois a prática regular de exercícios físicos na idade escolar proporciona grandes benefícios à saúde do escolar, de forma a desenvolver suas aptidões físicas, emocionais, motoras, dentre outros, e acima de tudo, proporcionar saúde e bem estar (Pagani, 2014), portanto é necessário o incentivo à participação dos escolares nas aulas de Educação Física.

Foram encontrados poucos artigos publicados sobre a participação nas aulas de Educação Física e a maioria dos artigos observou uma baixa participação dos adolescentes nas aulas, tendo ligação a possíveis fatores associados a falta de participação dos escolares nas aulas de Educação Física, sendo sexo, mesorregião geográfica, zona de moradia, idade, estado civil, situação ocupacional, possui computador, escolaridade materna, turno escolar, série do curso, comportamento sedentário alguns exemplos (Bezerra, 2015).

As aulas de educação física desempenham um papel crucial na promoção da saúde dos estudantes, em 2019, cerca de 28,7% dos adolescentes relataram praticar menos de 60 minutos de atividade física por semana, um valor bem abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa situação reflete a crescente preocupação com o sedentarismo entre os jovens, e as aulas de educação física se mostram fundamentais, incentivando a prática regular de exercícios e a adoção de hábitos saudáveis desde cedo.

Além de prevenir o sedentarismo, a prática de atividades físicas nas escolas é essencial para a melhora da saúde física e a prevenção de doenças crônicas, como obesidade, diabetes e hipertensão, problemas que começam a surgir já na adolescência. As aulas de educação física promovem o desenvolvimento de habilidades motoras, como força, resistência e coordenação, elementos fundamentais para a aptidão física e o crescimento saudável dos jovens.

Essas aulas também contribuem significativamente para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Outro benefício importante é a promoção de hábitos saudáveis a longo prazo. Quando os jovens têm experiências positivas com a educação física na escola, é mais provável que mantenham um estilo de vida ativo na vida adulta, o que é crucial para a prevenção de doenças crônicas e para a manutenção de uma boa qualidade de vida. Segundo (Aniszewski, Henrique, 2023) o desinteresse pelas aulas de educação física tem tido maior ênfase no Ensino Médio, pois esta ainda é a fase em que o fenômeno se apresenta de forma mais

consistente. As investigações sobre o desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, tanto no cenário internacional, quanto no Brasil sugerem que esse fenômeno está acontecendo cada vez mais cedo, fazendo-se necessário conhecer com maior profundidade, na perspectiva dos alunos, os motivos, as causas e os argumentos que justificam suas atitudes e comportamentos na Educação Física escolar, nesse nível de ensino.

A pesquisa “relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de educação física no ensino fundamental” tem dados de 2023, sobre a participação de alunos do 9º ano de uma escola nas aulas de Educação Física, sendo eles 48,5% de participação desses alunos. Com isso, podemos observar dados atuais sobre a participação dos escolares nas aulas de Educação Física e comparar com os dados do PeNSE 2015-2019, sendo uma variável que manteve o número baixo (menos de 50%) de participação.

Os efeitos das práticas de promoção da saúde do adolescente na escola são comprovados - aumentam a produtividade escolar e reduz os custos de saúde, garantindo um futuro mais saudável para os jovens (Tavares et al., 2023), portanto precisam de estímulo por meio de políticas públicas. Dessa forma, os dados da PeNSE reforçam a necessidade de fortalecer o papel da educação física no ambiente escolar, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a práticas que promovam a saúde desses alunos.

3.3. Saúde Mental

Na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE - 2015 retrata a saúde mental dos estudantes, dando destaque a prevalência de sentimentos de solidão e insônia, com maior incidência entre as meninas. Os dados revelam que 15,5% dos alunos relataram sentir-se sozinhos frequentemente ou sempre no período de 12 meses antes da pesquisa. Para as meninas, esse percentual superou 20%, enquanto para os meninos foi superior a 10%. A insônia causada por preocupações também foi mais comum entre as meninas, com cerca de 15%, em comparação com 7% a 8% dos meninos. Outro aspecto relevante é a ausência de amigos próximos, relatada por mais meninos (6,1%) em comparação com meninas (3,2% a 3,4%).

Esses dados apontam para um impacto significativo na saúde mental dos adolescentes, especialmente no que diz respeito à solidão e às dificuldades em lidar com as preocupações, o que pode ser agravado por questões de gênero e a pressão social em torno da imagem corporal. Essas experiências de isolamento e estresse podem aumentar os riscos de desenvolvimento de transtornos mentais nessa faixa etária. A adolescência é uma fase marcada por intensas mudanças emocionais e sociais, que podem impactar diretamente a saúde mental. Segundo Siegel (2016), as transformações cerebrais nesse período provocam aumento na intensidade emocional, levando a possíveis descontrole emocional e riscos à saúde mental. A importância de promover a saúde mental é destacada pela OPAS, que aponta que metade dos transtornos mentais em adultos tem início antes dos 14 anos.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019 revela dados preocupantes relacionados à saúde mental dos adolescentes no Brasil. Um dos aspectos analisados foi a existência de amigos próximos, um fator protetor para a saúde mental. A ausência de amigos próximos pode ser vista como um sintoma ou fator de risco para problemas mentais, e 4% dos adolescentes de 13 a 17 anos relataram não ter nenhum amigo próximo.

Esse índice é mais elevado entre adolescentes mais velhos (16 e 17 anos) e estudantes de escolas públicas, o que reflete desigualdades socioeconômicas. Outro dado relevante é o elevado índice de preocupação constante entre os adolescentes,

com 50,6% deles relatando sentir-se frequentemente preocupados com questões do dia a dia.

Esse indicador é maior entre adolescentes mais velhos e meninas, e reflete um estado emocional que pode impactar negativamente a saúde mental. Além disso, sentimentos como tristeza, irritabilidade, nervosismo e a percepção de que ninguém se preocupa com eles são comuns. Por exemplo, 31,4% dos adolescentes relataram sentir-se tristes na maioria das vezes, e 21,4% chegaram a afirmar que a vida não vale a pena ser vivida. Esses resultados revelam uma saúde mental fragilizada entre os adolescentes, com diferenças marcantes entre sexos, faixas etárias, redes de ensino e regiões do país. As meninas são mais vulneráveis, apresentando índices significativamente maiores de tristeza e sensação de que a vida não vale a pena. Esses indicadores reforçam a necessidade de estratégias preventivas e de apoio à saúde mental nessa faixa etária, considerando as variações regionais e socioeconômicas (PeNSE - 2019).

A pesquisa: Conhecimento de Adolescentes Acerca dos Benefícios do Exercício Físico para a Saúde Mental investiga o nível de conhecimento dos adolescentes sobre como a prática de exercícios físicos pode impactar positivamente a saúde mental, incluindo aspectos como o estresse, a ansiedade e a depressão. A compreensão dos benefícios do exercício físico para a saúde mental é crucial para a promoção de comportamentos saudáveis entre adolescentes. Na bibliografia foi abordado a percepção dos jovens sobre os benefícios mentais do exercício e a influência dessa percepção na prática regular de atividades físicas.

Segundo, (Campos, Muniz, Belo, Romano, Lima, 2019) a maioria dos adolescentes reconhece que o exercício pode ajudar a melhorar o humor e reduzir o estresse, mas há uma falta de conhecimento mais aprofundado sobre como o exercício contribui para a prevenção e tratamento da saúde mental. Fatores como a falta de educação específica sobre saúde mental nas escolas, o acesso limitado a informações e a influência da desinformação contribuem para essa falta de conhecimento. Além disso, o interesse e a motivação para a prática de exercícios são frequentemente influenciados por fatores sociais e culturais, que podem impactar a forma como os adolescentes percebem e valorizam os benefícios mentais do exercício físico.

Os relatórios do PeNSE fornecem dados fundamentais sobre a saúde do escolar, oferecendo uma visão abrangente sobre a saúde e o bem-estar dos

escolares, contribuindo para políticas públicas mais eficientes e para o desenvolvimento de ambientes educacionais mais saudáveis e equitativos. Alguns aspectos são de grande importância e precisam ser destacados, como por exemplo:

A saúde mental tem se tornado um tema cada vez mais relevante na saúde do escolar, como evidenciado pelos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Em 2019, cerca de 30% dos jovens relataram sentir tristeza constante nas semanas anteriores à pesquisa, um sinal de sintomas depressivos. A prevalência de ansiedade e outros transtornos psicológicos tem chamado a atenção para a necessidade de fortalecer políticas públicas de saúde mental, além de expandir a rede de suporte psicológico nas escolas.

Outro dado alarmante é a ideação suicida. Aproximadamente 13,5% dos adolescentes afirmaram já ter pensado em suicídio (Antunes et al. 2019). Esse número reforça a urgência de campanhas de conscientização, como o Setembro Amarelo, e a ampliação do acesso a serviços de apoio emocional no ambiente escolar. A escola pode ser uma promotora de saúde mental, mas é preciso ter um programa para sensibilizar professores, dirigente e demais agentes escolares, sendo também necessário desenvolver programas e ações sobre saúde mental para os pais e familiares, tendo em vista que os resultados das pesquisas mostram o quanto a saúde mental vem desde 2015 tendo um grande aumento na prevalência dos indicadores de solidão, poucos amigos e perda de sono.

E atualmente, estudos demonstraram que aproximadamente 20% dos jovens de 10-24 anos sofrem de problemas de saúde mental, sendo que 86% de todos os problemas de saúde mental que requerem diagnóstico muitas vezes não são detectados na escola (Tavares, Silva, Gomes, Rebello, Tavares, 2023), mostrando como cada vez mais a saúde mental vem necessitando a criação de políticas públicas.

Com base nesses dados, é possível ver a necessidade do planejamento de políticas públicas voltadas à prevenção de doenças e promoção da saúde dos adolescentes. A PeNSE fornece informações que orientam iniciativas como a promoção da alimentação saudável nas escolas e iniciativas que promovam hábitos saudáveis, atividades físicas e a construção de ambientes escolares mais seguros e inclusivos.

3.4. Outros fatores

Outro aspecto importante é a identificação de fatores de risco entre os adolescentes, fornecendo dados que ajudam a mapear comportamentos prejudiciais e a planejar intervenções no ambiente escolar. Um dos aspectos destacados pelos relatórios é o uso de álcool, tabaco e drogas entre jovens.

Em 2019, por exemplo, cerca de 63,3% dos estudantes de escolas públicas já haviam consumido álcool ao menos uma vez (PeNSE, 2019). Esse cenário levanta preocupações sobre os riscos à saúde imediatos e futuros desses jovens. Além disso, os dados mostram que muitos adolescentes apresentam alimentação inadequada.

Capacitar os profissionais de saúde e educação que trabalham diretamente com os adolescentes é um ponto importante destacado na pesquisa. Ao identificar os principais fatores de risco para a saúde dos adolescentes, os profissionais conseguem agir de forma mais rápida e eficaz. Essa atuação antecipada é crucial para lidar com problemas como transtornos mentais, uso de substâncias e dificuldades relacionadas à convivência escolar.

Com a formação adequada, os profissionais são capazes de oferecer suporte e orientação desde os primeiros sinais de problemas. As condições de infraestrutura das escolas têm impacto direto na saúde dos estudantes. A pesquisa revela que muitas instituições ainda enfrentam desafios relacionados ao acesso a saneamento básico, água potável e boas condições de higiene. Em 2019, muitas escolas brasileiras não tinham banheiros adequados ou fornecimento regular de água potável, comprometendo a saúde física dos alunos. A infraestrutura escolar tem uma influência direta tanto na saúde física quanto no bem-estar mental dos estudantes.

4 Considerações Finais

Concluindo, este estudo teve como objetivo analisar os resultados dos relatórios da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 e 2019 em relação às variáveis tempo de tela, participação em aulas de educação física e saúde mental junto com biografias atuais das variáveis. Esse estudo evidencia desafios relacionados à saúde do escolar e ao aumento do uso de tecnologias entre os jovens, que têm impactado diretamente nos hábitos de vida e a saúde física e mental dos escolares.

O tempo de tela dos escolares aumenta o desinteresse dos alunos em participar das aulas de educação física, que começa no Ensino Fundamental e se acentua no Ensino Médio, tornando-se necessário intervenções que estimulem a adesão à participação nas aulas de educação física.

A variável saúde mental destaca questões alarmantes relacionadas à saúde mental dos jovens, como solidão, insônia e baixa autoestima, problemas que se intensificam com o avanço do tempo de tela e a diminuição de interações presenciais. Nesse contexto, a escola surge como um local privilegiado para a promoção da saúde mental, desde que haja investimentos em políticas públicas voltadas para a sensibilização de professores, pais e toda a comunidade escolar sobre a importância desse tema.

Assim, é essencial que a Educação Física seja valorizada e integrada às políticas de promoção da saúde, com foco não apenas em atividades físicas, mas também na conscientização dos alunos sobre hábitos saudáveis e na criação de ambientes escolares inclusivos e estimulantes. O desenvolvimento de programas específicos, o treinamento contínuo de professores e a melhoria da infraestrutura escolar são passos fundamentais para garantir que a Educação Física cumpra seu papel de forma plena, contribuindo para a formação de cidadãos mais saudáveis e conscientes.

A partir dos dados analisados é possível afirmar que as variáveis tempo de tela, participação em aulas de educação física e saúde mental dos escolares precisam receber atenção para que possa haver discussões sobre esses assuntos, assim gerando ações para promover a saúde e o bem-estar dos adolescentes no contexto escolar. Campanhas educativas para reduzir o tempo de tela e programas

extracurriculares que incentivem a prática de atividades físicas são essenciais para reduzir o tempo de tela dos escolares.

É preciso identificar e considerar possíveis fatores para a não participação nas aulas de Educação Física, como questões socioeconômicas, de gênero, culturais e comportamentais. Para então, saber quais ações serão necessárias para promover a participação nas aulas de educação física, mostrando que é fundamental para o seu desenvolvimento físico, social e emocional.

Além de promover hábitos saudáveis, essas aulas incentivam o trabalho em equipe, a disciplina e a experimentar diferentes modalidades esportivas, descobrindo habilidades e interesses que podem ser explorados e aproveitados ao longo da vida. A oferta de práticas corporais extracurriculares pela escola seria outra boa opção para promover a adoção de uma atividade física contínua no convívio diário e durante o lazer dos escolares, com o intuito de alcançar um estilo de vida mais saudável.

No âmbito da saúde mental, é preciso criar uma cultura de apoio e ampliar o suporte psicológico nas escolas, envolvendo as famílias nesse processo. Políticas públicas que incentivem a promoção da saúde e parcerias com a comunidade são fundamentais para consolidar essas ações.

Espera-se que o presente estudo consiga levar essas informações a professores/as de Educação Física e mostrar como esses dados e as variáveis analisadas no estudo possam ajudar na melhoria da saúde dos escolares.

O estudo analisou apenas 2 relatórios da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE de 2015 e 2019 e dentro da pesquisa, foram analisadas somente 3 variáveis indicadoras entre diversas outras, portanto não é possível se basear apenas nisto para análise completa da saúde do escolar. Foram utilizadas bibliografias sobre tempo de tela, participação nas aulas de educação física e saúde mental, artigos de 2015 a 2024, buscando formas de comparar os dados do PeNSE com dados dos indicadores atualmente.

Com isso, é necessário o incentivo de produção científica sobre a saúde do escolar e a volta da realização da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, tendo em vista que é importante ter esses dados sobre a saúde do escolar de todo o país, para possíveis análises e melhorias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

CECHINEL, A. **Estudo/Análise Documental: uma revisão teórica e metodológica**. Criar Educação. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC. Criciúma, SC, v. 5, n.1, p.1-7, jan./Jun., 2016.

JUNIOR. **Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.36-51/2021

CARVALHO, K; GRANDO, R; BRITTO, J. **Os efeitos do tempo de tela em crianças e adolescentes: um levantamento bibliográfico**. Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. p.1-13, 2021.

BARRETO, M; AZEVEDO, R; ALENCAR, C; LIMA, A. **Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil**. Revista SaúdeUNIFAN, v3, n.1, p.58-66, 2023.

ARAÚJO, B; TASSITANO, R; DIAS, M; TENÓRIO, M. **Participação de adolescentes brasileiros nas aulas de educação física escolar: revisão sistemática**. Pensar a Prática, Goiânia, 2019, v. 22, p.1-11, 2019.

ORFEI, J; TAVARES, V. **Promoção da Saúde na Escola Através das Aulas de Educação Física**. UNICAMP, P. 1-7, 2009.

SILVA, V; SILVA FILHO, R; LOURENÇO, C. **Correlatos da não participação nas aulas de Educação Física entre escolares brasileiros nas cinco regiões do Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 36, 2022.

ANISZEWSKI, E; HENRIQUE, J. **Relação entre a satisfação da competência, autonomia e vínculos sociais e o desinteresse pelas aulas de educação física no ensino fundamental**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.3, 2023

CAMPOS, C; MUNIZ, L; BELO, V; ROMANO, M; LIMA, M. **Conhecimento de adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico para a saúde mental**. Ciência & Saúde Coletiva, Divinópolis, 24(8):2951-2958, 2019.

Tavares CMM, Souza JT, Gama LN, Tavares MM, Paiva LM, Carvalho JC. **Saúde Mental na Escola: Reflexão Teórico-Prática**. Rev Pró-UniverSUS, Niterói, v. 14, p.14-18, 2023.

Tavares CMM, Silva TN, Gomes AD, Rebello MI, Tavares MM. **Percepção De Professores De Uma Escola Pública Sobre A Saúde Mental Dos Escolares Adolescentes.** Cienc Cuid Saude, Niteroi, 2023.

Antunes JT, Pena ED, Silva AG, Moutinho CS, Vieira ML, Malta DC. **A saúde mental dos adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019.** REME - Rev Min Enferm. 2022